



## **DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA AGROECOLOGIA ESCOLAR NO ASSENTAMENTO LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Jilsilene Oliveira Barbosa [\*]; Rodrigo dos Santos Crepalde [\*\*]

A Agroecologia compreende a mobilização de um conjunto de conhecimentos científicos e tradicionais, desde pelo menos meados dos anos 1990, como resistência ao modelo convencional de produção impulsionado pela Revolução Verde e a modernização conservadora do campo brasileiro, comprovando que é possível produzir alimentos saudáveis e suficientes para todos, sem agredir a natureza. Além disso, é considerada mais do que uma ciência ou uma etnociência, é vista como um modelo de construção de sociedade trazendo consigo a valorização dos povos que vivem no campo. Este trabalho buscou compreender as contribuições da agroecologia escolar na vida do assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, Santa Cruz Cabralia, região Sul do estado da Bahia. A metodologia adotada foi qualitativa recorrendo-se a observação participante, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com assentados que participaram de processos de ensino e aprendizagem da agroecologia escolar. Notamos que a inserção da agroecologia no assentamento encontra-se em estágio de transição: o conceito não é mais desconhecido, os assentados reconhecem sua importância e parte deles usam os saberes agroecológicos no dia a dia. Além do mais, observamos que para a agroecologia ser efetiva nas práticas dos agricultores, é preciso investir em formações continuadas ofertadas pelo movimento social MST/escola e a comunidade.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Agroecologia Escolar. Educação do Campo.

## **CHALLENGES AND POTENTIALS OF SCHOOL AGROECOLOGY IN THE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA SETTLEMENT**

### **ABSTRACT**

Agroecology comprises the mobilization of a set of scientific and traditional knowledge, since at least the mid-1990s, as resistance to the conventional production model driven by the Green Revolution and the conservative modernization of the Brazilian countryside, proving that it is possible to produce healthy and sufficient food for everyone, without harming nature. In addition, it is considered more than a science or an ethnoscience, it is seen as a model for building society, bringing with it the appreciation of people living in the countryside. This work sought to understand the contributions of school agroecology in the life of the Luiz Inácio Lula da Silva settlement, Santa Cruz Cabralia, southern region of the state of Bahia. The adopted methodology was qualitative, resorting to participant observation, as well as conducting semi-structured interviews with settlers who participated in teaching and learning processes of school agroecology. We note that the insertion of agroecology in the settlement is in a transitional stage: the concept is no longer unknown, the settlers recognize its importance and part of them use agroecological knowledge in their daily lives. Furthermore, we



observed that for agroecology to be effective in the practices of farmers, it is necessary to invest in continuing education offered by the social movement MST/school and the community.

**Keywords:** Agroecology. School Agroecology. Rural Education.

## **DESAFÍOS Y POTENCIALIDADES DE LA AGROECOLOGÍA ESCOLAR EN EL ASENTAMIENTO LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

### **RESUMEN**

La agroecología comprende la movilización de un conjunto de conocimientos científicos y tradicionales, por lo menos desde mediados de la década de 1990, como resistencia al modelo de producción convencional impulsado por la Revolución Verde y la modernización conservadora del campo brasileño, demostrando que es posible producir alimentos sanos y suficientes para todos, sin dañar la naturaleza. Además, es considerada más que una ciencia o una etnociencia, es vista como un modelo para construir sociedad, trayendo consigo el aprecio de las personas que viven en el campo. Este trabajo buscó comprender las contribuciones de la agroecología escolar en la vida del asentamiento Luiz Inácio Lula da Silva, Santa Cruz Cabrália, región sur del estado de Bahía. La metodología adoptada fue cualitativa, recurriendo a la observación participante, así como la realización de entrevistas semiestructuradas a pobladores que participaron en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la agroecología escolar. Notamos que la inserción de la agroecología en el asentamiento se encuentra en una etapa de transición: el concepto ya no es desconocido, los pobladores reconocen su importancia y parte de ellos utilizan conocimientos agroecológicos en su cotidiano. Además, observamos que para que la agroecología sea efectiva en las prácticas de los agricultores, es necesario invertir en la educación continua que ofrece el movimiento social MST/escuela y la comunidad.

**Palabras clave:** Agroecología. Agroecología Escolar. Educación de Campo.

### **INTRODUÇÃO**

A agroecologia surgiu a partir da preocupação de movimentos sociais com o uso e a conservação da terra e da biodiversidade, bem como o bem-estar e vida digna dos camponeses. Ela foi uma ferramenta importante contra a Revolução Verde. Entre meados do século XX, com a promessa de produção de alimentos em larga escala e a modernização da agricultura, a chamada Revolução Verde, discurso político-ideológico das grandes corporações e do agronegócio, introduziu no campo brasileiro “pacotes tecnológicos”: o uso



intensivo de agrotóxicos e as sementes geneticamente modificadas que acabaram por concentrar ainda mais a terra, incentivar as monoculturas, a degradação ambiental, o êxodo rural e a dependência dos pequenos agricultores. O plano de interesse governamental e do agronegócio visava apenas o capital (Altieri, 2004).

Segundo Gubur e Toná (2012, p. 64),

Em sentido inverso, a agroecologia exige que o camponês passe a assumir uma posição ativa, de pesquisador das especificidades de seu agroecossistema, para desenvolver tecnologias apropriadas não só às condições locais de solo, relevo, clima e vegetação, mas também às interações ecológicas, sociais, econômicas e culturais.

A agroecologia vai além de uma ciência no sentido ocidental, ela também compreende um novo projeto de sociedade, seus produtores de conhecimento estão na universidade e no movimento social e envolve o diálogo entre conhecimentos populares e científicos visando uma forma de produzir totalmente livre de agrotóxicos, a soberania alimentar, o uso e a conservação da biodiversidade, a convivência com a natureza (e não contra ela como no modelo do agronegócio e das monoculturas) e o empoderamento do camponês (Altieri, 2004; Caldart, 2016; Gaia, 2017; Gubur; Toná, 2012).

Na mesma direção, Caldart (2016, p. 9) afirma que

[...] A agroecologia é a base científica de construção da agricultura camponesa capaz de confrontar o agronegócio. Portanto não pode ficar de fora do projeto educativo das escolas que pretendem ajudar na formação da nova geração de camponeses. Quando uma escola assume este objetivo a agroecologia precisa ser estudada na forma em que é produzida, ou seja, na relação entre teoria e prática, não podendo ficar apenas no plano da informação ou ilustração.

A inserção da agroecologia nas escolas do campo ainda é uma iniciativa nova. Por vezes, a “agroecologia na escola” é tomada como alguma prática pedagógica isolada de construção de hortas ou da problematização do uso de agrotóxicos, no entanto assumir a agroecologia na escola significa trazer para o espaço escolar um projeto de transformação da agricultura, que também é da escola e da educação, e da afirmação do protagonismo do camponês na produção de sua existência com e na terra (Caldart, 2016; Silva; Miranda, 2015).



A Agroecologia Escolar é a inserção e a práxis da agroecologia na escola. É a agroecologia como meta de ensino e aprendizagem, desde práticas pedagógicas pontuais nas disciplinas convencionais até sua integração ao currículo da escola (Ribeiro et al., 2017). Ela é uma importante ferramenta para organização dos territórios, no qual a escola desempenha um importante papel na transição do modelo convencional para o modelo agroecológico de produção de alimentos. Além disso, a escola é um espaço para discutir e estudar relações sociais, processos ecológicos e práticas sociais através do ensino da Agroecologia (Gaia, 2017).

Este trabalho buscou compreender as contribuições da Agroecologia Escolar no assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, localizado as margens da BR 367, KM 22, em Santa Cruz Cabrália, região Sul do estado da Bahia. O assentamento pertence à reforma agrária e foi conquistado através de muita luta dos camponeses. Atualmente, encontra-se com 57 famílias assentadas, todos com casas e lotes nos quais são desenvolvidas atividades agrícolas. De modo especial, nossa intenção foi investigar as concepções agroecológicas dos assentados que participaram de processos de ensino e aprendizagem da Agroecologia Escolar no contexto da Escola Municipal Paulo Freire (EMPF). O interesse nessa temática de pesquisa vem a partir das vivências e inquietações da primeira autora deste trabalho que é assentada no Luiz Inácio Lula da Silva e egressa da EMPF.

A EMPF está inserida dentro do assentamento, foi construída através de grandes esforços da comunidade, assume no seu projeto político pedagógico o objetivo de formar sujeitos críticos que sejam capazes de intervir em sua realidade e tem como base os princípios pedagógicos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e da Educação do Campo (EMPF, 2013).

Em 2014 foi criada uma campanha pela Escola Popular de Agroecologia e Agroflorestal Egídio Brunetto, em parceria com o MST, denominada de “Extremo Sul Pela Vida, Agrotóxico Zero” que se expandiu em assentamentos da reforma agrária e escolas do campo da região:



A Escola Popular organizou durante os anos de 2013 e 2014 uma Campanha denominada “Extremo Sul pela Vida, Agrotóxico Zero!”, cujos objetivos centraram-se em fomentar atividades criativas e reflexivas, no contexto dos assentamentos e escolas do campo, relacionadas aos riscos do uso de agrotóxicos, exaltando os princípios da agroecologia e o valor da vida. A campanha relacionou-se com dois compromissos do Movimento: defender o princípio da soberania alimentar, para que cada comunidade produza os alimentos necessários para o seu povo e produção agrícola agroecológica, abolindo o uso de agrotóxicos e de sementes transgênicas (Ribeiro et al., 2017 p. 6).

Como consequência dessa campanha, a EMPF adotou essa iniciativa implantando a agroecologia como tema transversal e como disciplina na escola. Hoje, a escola procura problematizar as práticas agrícolas existentes no assentamento, convencionais e/ou agroecológicas, além de discutir e aplicar conhecimentos da agroecologia em seu quintal produtivo.

## **AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO**

Através das contribuições de movimentos sociais do campo, notadamente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sindicatos, organizações não governamentais e a colaboração de acadêmicos e pesquisadores, iniciou-se a propagação da agroecologia, e em meados dos anos 2000, movimentos sociais integraram a discussão da agroecologia em sua proposta política, sendo assim, essa atitude ocasionou várias ações como congressos de agroecologia, encontros, associações, dentre outras. Para os movimentos sociais do campo, a agroecologia é entendida como representação da luta que se insere em preceitos fundamentais como a agricultura familiar (Ribeiro et al., 2017).

Pensando nas relações entre a agroecologia e a agricultura familiar, iniciou-se um debate entre Agroecologia e Educação do Campo, pois ambas trazem consigo a valorização dos camponeses e a defesa de uma formação humanizada, que visa uma pedagogia a partir do trabalho. Quando enunciamos trabalho, não estamos referindo-nos ao âmbito mercadológico, mas sim ao trabalho que visa a emancipação do sujeito, extraindo aprendizagens das práticas que estão presentes no campo/agricultura:



A educação e a escola, compreendidas nessa perspectiva e vinculada com o trabalho, buscam transformar a realidade, em um contexto social e ecológico determinado, a partir do conhecimento que a escola pode sistematicamente construir com a participação dos educadores e dos educandos (Ribeiro et al., 2017, p. 13).

A inserção da agroecologia no currículo é de suma importância, pois além de incentivar o cuidado dos seres humanos com a natureza, tem o potencial de reconhecer e valorizar as identidades dos alunos, promovendo o conhecimento do território que ele está inserido e fortalecendo os laços com sua comunidade.

De acordo com Ribeiro e colaboradores (2017, p. 32),

Entende-se que a Agroecologia precisa ir além dos conteúdos específicos, pois deverá contribuir na construção da identidade dos educandos sem perder de vista o contexto social em que estão inseridos; ou seja, a discussão sobre a Agroecologia requer uma análise das questões ambientais, políticas, sociais e culturais em que a comunidade se insere.

Garcia (2019) realizou levantamento bibliográfico com o propósito de discutir possibilidades de inserção da agroecologia no contexto da Educação Básica, especialmente no Ensino de Ciências, encontradas em trabalhos publicados na área da Agroecologia e Educação. O levantamento considerou trabalhos que abordassem propostas pedagógicas ou curriculares sobre inserção da agroecologia no Ensino de Ciências no contexto da Educação Básica, considerando os resultados, até o dia 29 de setembro de 2018, na Revista Brasileira de Educação do Campo; na Revista Brasileira de Agroecologia; e, no Google Acadêmico. Segundo Garcia (2019, p. 30), nos resultados da sua pesquisa,

[...] podemos observar pela análise dos trabalhos alguns modos ou formas comuns de introdução da Agroecologia na escola: i) como projeto de extensão que desenvolve ações dentro e fora da comunidade escolar motivado por uma demanda da escola ou comunidade; ii) como projeto de cunho mais transversal que envolve diferentes disciplinas e/ou professores desenvolvido no turno ou contra turno escolar, no caso de escolas integrais; iii) como disciplina em algumas situações nas quais a própria escola é resultado da luta pela terra e/ou está inserida nesse contexto; iv) associada às disciplinas de Ciências da Natureza, Matemática e Geografia.

Em termos das práticas pedagógicas é marcante a presença da horta escolar como artefato mediador da Agroecologia, do Ensino de Ciências e Educação Ambiental. Além disso, a Agroecologia tem sido justificada como tema gerador ou transversal a partir do eixo de Meio Ambiente dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Do lado





dos conteúdos escolares, percebemos a articulação da Agroecologia com tópicos tradicionais do Ensino de Ciências tais como Alimentação Saudável, Saúde e Meio Ambiente, Solos, Lixo, Água e Ecologia (Garcia, 2019).

Nunes e colaboradores (2020) realizaram uma pesquisa com o tema “A horta escolar como o caminho para a Agroecologia” com o objetivo de discutir dados sobre estruturas físicas e pedagógicas de hortas de escolas públicas de uma cidade no estado de Minas Gerais, além de discutirem as implicações da Agroecologia e da Educação Ambiental a partir da problematização de discursos docentes, segundo os autores,

As referências da agroecologia escolar fazem com que o processo educativo possa estar voltado para a sustentabilidade socioambientalmente orientada, que se destina a ser crítica e emancipatória. Defendemos que complexificar o debate em torno das práticas pedagógicas relativas à horta escolar pode evidenciar possibilidades educativas e favorecer políticas públicas, envolvendo, em termos mais conjunturais, o anúncio de modos de vida mais sustentáveis e a denúncia de modelos predatórios, relacionados ao agronegócio e aos descuidos com o meio ambiente e a saúde (Nunes et al., 2020, p. 17).

Diante disso, percebemos a importância da agroecologia escolar como espaço emancipatório, no qual através de uma horta escolar, por exemplo, o sujeito irá problematizar os modelos de produção, de onde vem a semente, percebe-se enquanto território, dentre outros.

Mantelli (2014) realizou um trabalho “Educação pela Agroecologia: horta escolar” com o objetivo de demonstrar a viabilidade de construção da horta de base agroecológica em escola localizada no Bairro PROFILUB II em Rio Grande, a ideia era apresentar uma maneira de aproveitar resíduos orgânicos e conhecer o trabalho solidário/cooperativo e alimentação saudável por meio da educação pela agroecologia, levando em consideração que as pessoas que vivem no bairro são consideradas de baixa renda e não conseguem ter uma alimentação adequada, com todo valor nutricional necessário. Segundo Mantelli (2014, p. 5), nos resultados da pesquisa,

[...] uma das maiores contribuições deste projeto foi no sentido de mobilizar a comunidade localizada no Bairro Profilub II, através da escola, para produzir e inserir na dieta alimentar diária, alimentos de qualidade, de baixo custo e possível de se realizar em pequenos espaços. Isso foi possível na medida em que os alunos da



escola incorporaram os conceitos propostos no projeto, em particular os de agroecologia e trabalho solidário. Nesse sentido houve avanços no entendimento de que utilizar agroquímicos na produção e consequente consumo de produtos alimentares pode trazer malefícios para a saúde em curto, médio e longo prazo. Em um âmbito geral foi percebido um interesse maior por parte dos alunos da escola, por uma alimentação mais saudável e também servirem de agentes multiplicadores em sua comunidade iniciando pelo âmbito familiar.

[...] Entendemos que esta é uma das formas ecologicamente corretas e de empoderamento socioeconômico por parte principalmente das classes de baixa renda, mas também na tentativa de propor uma alimentação mais saudável e viável utilizando-se de pequenos espaços disponíveis.

De acordo com os trabalhos apresentados, percebemos que a agroecologia escolar perpassa a comunidade que a escola está inserida, além disso, nesse processo temos o potencial dos alunos tornarem-se intermediadores dos conhecimentos agroecológicos adquiridos na escola para os pais/comunidade.

## **PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, pois buscamos compreender sobre a inserção e apropriação da agroecologia no assentamento via processos formativos desenvolvidos na Escola Municipal Paulo Freire e estes entendimentos só seriam possíveis no contexto de pesquisa, isto é, em seu habitat natural (Creswell, 2014). Além disso, é importante compreender o significado que os assentados dão para suas práticas consideradas como agroecológicas sob o seu ponto de vista e não apenas a partir da interpretação dos pesquisadores.

A primeira autora deste trabalho é uma pessoa de dentro da comunidade, da escola e do assentamento, isto é, uma *insider*. Essa condição contribuiu para o acesso a zonas mais profundas de significação da comunidade/escola/assentamento e de compreensão do seu modo de vida. Ela não é, por assim dizer, uma estrangeira, pelo contrário, é alguém de confiança, uma pessoa pertencente à coletividade que foi estudada.

O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender as contribuições da agroecologia escolar no Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva. Sendo que seus objetivos específicos foram: i) identificar as práticas agroecológicas escolares presentes na Escola Municipal Paulo





Freire; ii) descrever o processo de inserção da agroecologia no Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva; iii) investigar as concepções agroecológicas de assentados do Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva que participaram de processos de ensino e aprendizagem da agroecologia escolar.

### **Contexto de pesquisa**

#### O assentamento Luiz Inácio Lula da Silva

O assentamento Luiz Inácio Lula da Silva está localizado no município de Santa Cruz Cabrália, extremo Sul da Bahia, na altura do Km 22, às margens da rodovia BR 367, a 46 km de Porto Seguro (BR 367), 03 km de Vera Cruz e 23 km de Eunápolis (Figura 1). No início era conhecido como Projeto de Assentamento Coroa de Cabrália, fruto de um processo de luta do MST, que teve início em meados de 2002, a partir da chegada à região, do militante Francisco de Assis Souza, conhecido como Estrela. Naquela época, o espaço onde hoje é o assentamento era uma área improdutiva e desabitada (Felberg; Silva, 2018).

Em abril de 2004, aconteceu uma ocupação nas terras da Veracel (multinacional de celulose), esse ato pressionou o governo federal a liberar três áreas para assentar as famílias: Fazenda Serro Azul, situada no Município de Porto Seguro, hoje Assentamento Milton Santos; Fazenda Bela Vista Movelar, situada no Município de Cabrália, hoje Assentamento Ojeferson Santos; e a Fazenda Coroa de Cabrália, situada no Município de Santa Cruz Cabrália, hoje Assentamento Luís Inácio Lula da Silva (Felberg; Silva, 2018).

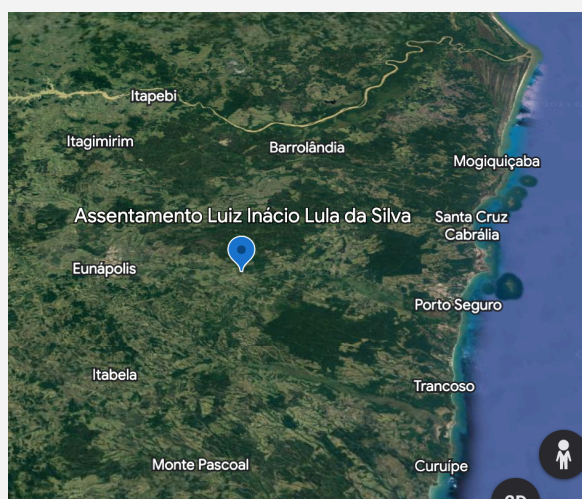
Atualmente, o assentamento Luiz Inácio Lula da Silva conta com cerca de 57 famílias, cada família tem uma casa na agrovila com quintal e um lote para desenvolver suas atividades agrícolas. Essas famílias são naturais de vários municípios próximos como: Porto Seguro, Eunápolis, Itabela, Itamaraju, Itagimirim, Itapebi, Coroa Vermelha e até mesmo de Santa Cruz Cabrália, que representa a minoria.

No início, a área que hoje é o assentamento era uma área degradada por monocultura de café, limão e agropecuária, portanto produzir alimentos nessa área não foi tarefa fácil, mas



com muita luta e trabalho coletivo, os agricultores foram recuperando essa área, plantando árvores frutíferas e diversas culturas.

**Figura 1 - Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva**



Fonte: Google Earth (2023).

Em 2013, o MST criou uma campanha “Extremo Sul Pela Vida, Agrotóxicos Zero” que percorreu assentamentos, agroindústrias e escolas, reafirmando o compromisso em disseminar a agroecologia, dessa maneira iniciou-se a discussão no Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, através de reuniões, palestras, encontros e assembleias, acerca de alertar aos



camponeses da importância de produzir alimentos saudáveis e os prejuízos de consumir e produzir alimentos contaminados por insumos agrícolas.

Até então, os agricultores estavam acostumados a produzir alimentos no modelo convencional de produção, pois o modelo de produção agroecológico era algo estranho, nunca tinham ouvido esse termo “agroecologia”, apesar de alguns camponeses executarem práticas agroecológicas no cotidiano, como adubação orgânica, cobertura do solo, dentre outros, sem o conhecimento que aquelas práticas pertenciam à agroecologia.

Dessa maneira, a direção do MST discutiu com os agricultores a necessidade de implementação de um processo de transição agroecológica, ou seja, o trânsito do modelo convencional para o modelo agroecológico, que não seria tarefa fácil, pois a transição não acontece de uma noite para o dia, leva todo um processo. Nessa época, o MST promoveu um intercâmbio agroecológico, no qual alguns agricultores visitaram um quintal produtivo totalmente agroecológico, além dos sujeitos adquirirem conhecimentos, também ganharam certificados pela participação.

#### A Escola Municipal Paulo Freire

A Escola Municipal Paulo Freire (EMPF) fica localizada no assentamento Luís Inácio Lula da Silva e está inserida no processo de luta por uma educação voltada para a realidade do campo. A escola possui como mantenedora a prefeitura municipal de Santa Cruz de Cabralia e funciona nos turnos matutino e vespertino (Moreira, 2018).

A EMPF atende cerca de 11 comunidades vizinhas, entre elas os assentamentos Ojeferson Santos e Gildásio Sales, Associação Nova Esperança, Acampamento Alto Paraíso, Vera Cruz, Comunidade dos Parentes e demais fazendas localizadas próximas ao assentamento. Os alunos de outras comunidades vizinhas possuem acesso à escola através do transporte escolar; os alunos que vivem no entorno próximo da escola vão caminhando.

Os professores que atuam na escola possuem formação na área de Ciências da Natureza, Pedagogia e Letras-Português. Há cerca de 27 funcionários que prestam serviço à escola. De todo o quadro docente, apenas dois professores são efetivos e o restante são



contratados. A maior parte dos funcionários vivem na comunidade, outros vêm de assentamentos vizinhos e um número pequeno mora na cidade.

**Figura 2:** Vista frontal da Escola Municipal Paulo Freire



**Fonte:** Dos autores, 2023.

As tomadas de decisões da escola são construídas em coletivo por meio de assembleia, com participação da comunidade, pais e alunos. O espaço escolar é aberto para a comunidade, no qual acontecem reuniões, eventos e comemorações. A escola sempre busca manter uma parceria com o assentamento, pois graças a contribuição da comunidade em todo processo de construção da escola, hoje temos uma escola com uma estrutura melhor.

No projeto pedagógico político da Escola Municipal Paulo Freire diz: “a escola visa formar sujeitos críticos, desenvolvendo uma relação humana com a sociedade e que sejam capazes de transformar o meio em que vivem” (EMPF, 2013, p.14).

A inserção da Agroecologia na escola deu-se em meados de 2013, a partir da campanha provida pelo MST, já mencionada anteriormente, “Extremo Sul Pela Vida, Agrotóxico Zero”. A partir de então, a escola transformou a disciplina “Técnicas Agrícolas” em “Agroecologia”, cujo objetivo é trabalhar a agroecologia de forma abrangente, conciliando os conhecimentos populares e científicos.

No ano de 2013 para o fortalecimento da luta pela agroecologia, a Escola Municipal Paulo Freire abraça a campanha “Extremo Sul Pela Vida: Agrotóxico Zero” e inicia a inclusão da temática agroecológica, trabalhada nas aulas de “Técnicas Agrícolas”. Apesar de algumas dificuldades, a escola vem avançando no processo agroecológico



se tornado hoje uma referência, para o movimento na regional Extremo Sul. (Moreira, 2018, p. 18).

A escola possui um quintal produtivo (área onde são desenvolvidas as aulas práticas de agroecologia), onde existe uma horta, viveiro, pomar etc. Frequentemente, através da disciplina de Agroecologia, os alunos desenvolvem atividades no quintal, pois além da teoria, os educandos podem observar e participar da prática.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Em um primeiro momento, identificamos as práticas agroecológicas escolares presentes na Escola Municipal Paulo Freire. A identificação das práticas agroecológicas foi realizada através de observação participante e conversa informal com a coordenadora pedagógica da EMPF.

No segundo momento, para descrever o processo de inserção da Agroecologia no Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva recorreremos a informações das vivências da primeira autora. Ela vive no assentamento desde o início, é filha de assentado e estudou o Ensino fundamental I e II na Escola Municipal Paulo Freire. Sendo assim, ela acompanhou várias práticas agroecológicas e aulas de agroecologia. Além disso, já contribuiu como voluntária em oficinas agroecológicas desenvolvidas pela EMPF. Através do incentivo da comunidade e escola também fez curso técnico em agroecologia.

Por fim, para investigar as concepções agroecológicas de assentados do assentamento Luiz Inácio Lula da Silva que participaram de processos de ensino e aprendizagem da agroecologia escolar foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a participação de comunitários/assentados. Esses sujeitos foram escolhidos por possuírem laços com a comunidade e já terem sido estudantes da EMPF tendo participado em ações agroecológicas desenvolvidas pela escola e nas suas aulas, além do mais, para preservar as identidades dos participantes, os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

### **As práticas agroecológicas escolares da Escola Municipal Paulo Freire**





A EMPF vem desenvolvendo trabalhos referente à agroecologia desde os meados de 2013, a partir da campanha promovida pelo MST, “Extremo Sul pela vida, agrotóxico zero”. Nesse mesmo ano, a EMPF recebeu uma área produtiva doada por um grupo de mulheres. A implementação da agroecologia na área produtiva iniciou-se por uma horta, produzida por um grupo de estudantes do “Mais Educação”<sup>1</sup>, equipe escolar e pais/comunidade, com o objetivo de fornecer alimentos saudáveis para a escola, os quais eram servidos na merenda escolar. Os alunos tinham a oportunidade de alimentarem-se de frutas, hortaliças, dentre outros produzidos por eles mesmos.

No decorrer dos últimos anos, a EMPF teve várias conquistas e avanços referente a implementação da agroecologia, como projeto agroecológico, que contava com várias oficinas dentre elas: pomar, horta, adubação orgânica e outras. Acontecia uma vez no mês e os alunos escolhiam a oficina que queriam participar por aptidão. Por motivos da pandemia do COVID-19, as ações agroecológicas na escola foram interrompidas, pois as aulas estavam acontecendo no modelo remoto, mas durante o ano de 2022 a escola foi retomando as práticas aos poucos.

Atualmente, a escola tem desenvolvido um projeto de reflorestamento “Plantando o Amanhã”, que se integra o Plano Nacional do MST “Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis” lançada em 2020 e que visa plantar 100 milhões de árvores em um período de 10 anos, por isso são doadas mudas de cacau, graviola, acerola, pau brasil, dentre outras, produzidas no viveiro da escola (nas aulas práticas de agroecologia). As doações são destinadas para todos que passam na BR 367, no km 22, a cada uma vez no mês. O projeto conta com a ajuda de todo corpo escolar, os alunos e a comunidade.

A escola também desenvolve as práticas agroecológicas na disciplina de Agroecologia, que está inserida no currículo de Santa Cruz Cabralia. No plano municipal de Santa Cruz Cabralia de 25 de junho de 2015, em sua meta 2 e estratégia 2.6 diz “Garantir como

---

<sup>1</sup> O Programa Mais Educação, criado em 2007 e regulamentado em 2010, “constituiu-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas” (BRASIL, 2023, p. 1).





obrigatoriedade a inserção da disciplina agroecologia, no currículo das escolas de assentamento” (PMSCC, 2015, p. 176).

Os professores buscam trabalhar a disciplina conciliando a teoria e prática, as aulas práticas são desenvolvidas no Sistema Agroflorestal (SAF) da escola (Figura 3), na qual os alunos aprendem e aplicam seus conhecimentos, fazendo adubação orgânica, plantando hortaliças e produzindo mudas. Os educadores que ministram as aulas de agroecologia possuem formação em pedagogia, especialização em agroecologia e estão inseridos no processo de luta e resistência do MST.

O SAF tem sido um laboratório vivo, pois além dos alunos, pessoas de outros países, vem visitar a escola, principalmente o SAF que é composto por um pomar, horta, viveiro e outros, no mesmo os alunos e as pessoas da comunidade, inclusive os pais, têm a oportunidade de contribuir e adquirir mais conhecimentos.

**Figura 3 - Alunos no SAF da EMPF**



Fonte: Dos autores, 2023.

**As concepções agroecológicas de assentados do assentamento Luiz Inácio Lula da Silva**

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-21, e-rte331202448, 2024.



Nesta subseção passaremos à discussão das informações obtidas em duas entrevistas semiestruturadas realizadas com assentados que participaram de processos de ensino e aprendizagem da agroecologia escolar na Escola Municipal Paulo Freire.

A primeira entrevista foi realizada com João, idade 19 anos, estudou na Escola Municipal Paulo Freire desde da Educação Infantil até o Ensino Fundamental II, vive no assentamento desde o início, participou juntamente com seus pais do processo de transição de acampamento para assentamento e atualmente contribui no lote de sua mãe.

A segunda entrevista foi realizada com José, filho de assentada do assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, idade 25 anos, atualmente trabalha na Escola Municipal Paulo Freire, também é licenciando do campo da área de Ciências da Natureza em uma Universidade Federal. Além de contribuir no lote dos seus pais, foi estudante e voluntário em alguns projetos na escola que envolveu ações agroecológicas.

O que mais chama atenção nos conhecimentos aprendidos da agroecologia enunciados pelos entrevistados é a possibilidade de produzir alimentos sem o uso de agrotóxicos, demonstrando a importante articulação entre movimento social e escola e o êxito da campanha “Extremo Sul pela vida, agrotóxico zero”. Na fala de João: “[...] *tentar produzir não usando agrotóxicos, agroquímicos e também [buscar] outras formas de usar adubos e compostagens.*”.

O adubo orgânico também é bem evidenciado pelos participantes e, nesse caso, ele demonstra seu potencial como artefato mobilizador de saberes e articulador entre gerações (pais e filhos estudantes):

**João:** [...] a gente também conseguia levar isso pra casa, porque como nossos pais, a maioria das pessoas que estuda na Paulo freire são do campo, essa prática meio que os alunos aprendiam na escola um pouco mais, os pais já tinham experiência que vem de casa, dos trabalhadores rurais e era mais fácil ali o convívio, as trocas de ideias sobre os agrotóxicos, agroquímicos, a gente aprendia na escola sobre.

Ao mesmo tempo, não é todo estudante egresso da EMPF que permanece no trabalho agrícola no lote da sua família, possivelmente este distanciamento cria dificuldades para inserção da agroecologia nas práticas cotidianas dos assentados:

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-21, e-rte331202448, 2024.**



**José:** Atualmente não desenvolvo nenhuma prática agrícola, quem é assentada é minha mãe e ela acaba desenvolvendo, [...] ela não produz em grande escala, mas a maior parte das coisas que ela produz é no modelo de agricultura convencional, ela não utiliza agrotóxicos né, de nenhum insumo químicos, mas também os produtos dela não é cem por cento agroecológicos, até porque a nossa comunidade aqui, há muito tempo vem tendo o debate do que é a agroecologia, da importância, mas a comunidade em si não é uma comunidade que produz tudo de forma agroecológica.

De todo modo, é importante destacar que a inserção da agroecologia é um processo e como tal é contraditório, possui avanços e recuos. Nenhuma produção torna-se agroecológica do dia para noite, além disso tomar para si a agroecologia significa mudar comportamentos que foram induzidos pela modernidade e o agronegócio. Assim, ao considerarmos a inserção da agroecologia no assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, mas possivelmente isso valerá para outros contextos, seria mais apropriado afirmar a transição agroecológica.

[...] a perspectiva agroecológica supõe um processo de transição, entendido como a sequência das etapas de construção progressiva e multilinear de sistemas produtivos locais para agriculturas sustentáveis, acompanhado de conhecimentos e de aumento das capacidades de análise dos agricultores sobre as interações entre o agroecossistema e as práticas locais (Piroux; Silveira; Diniz; Duque, 2012, p. 6).

Um ponto que também exploramos nas interações das entrevistas é se algum conhecimento aprendido na escola, era difícil de ser aplicado na prática. Para João:

**João:** Os bokashis, assim, é porque exige tempo e, é um pouco complicado de desenvolver isso em casa, porque por mais que a gente aprenda toda a estrutura, colocar em prática é mais complicado sempre né, enquanto na escola que a gente tinha os professores, o pessoal que tinha formação adequada, para passar pra gente, tá ali com a gente no apoio, quando a gente vai pra casa, é um pouquinho complicado, a gente não tem aquela coragem, aquele ânimo de ir lá e fazer.

João diz que aprendeu muito durante as aulas de agroecologia, mas ao aplicar a agroecologia em seu lote/casa sente falta de um suporte ou assistência que na escola é desempenhado pelo professor. Mesmo que os professores da EMPF ensinavam sobre a agroecologia, não apenas na teoria, mas sim na prática também, pois as aulas práticas eram desenvolvidas no SAF da escola, aplicar esses conhecimentos no cotidiano dos estudantes/assentados carrega algumas limitações. Isso é um indicativo de que o processo



formativo de inserção da agroecologia na vida dos assentados deve ser contínuo, a escola pode produzir uma contribuição importante, mas se esse processo se esgotar em uma disciplina escolar ou até mesmo em uma ação formativa pontual do movimento social, dificilmente conseguiremos uma prática agroecológica mais efetiva e duradoura.

Por fim, buscamos enunciados mais diretos sobre a apropriação do conceito de agroecologia, a partir da questão “*o que você entende por agroecologia?*”, por parte dos egressos da EMPF.

**João:** A agroecologia é uma nova forma de pensar a produção e os métodos de se alimentar de modo saudável, em equilíbrio com a natureza, uma maneira de produzir sem danificar a natureza e a si mesmo.

**José:** Então eu entendo a agroecologia não só como uma disciplina, entendo ela como um estilo de vida, como uma bandeira de luta, é agroecologia é muito de pensar nas futuras gerações e no que queremos deixar para nossos descendentes e eu vejo que é o cuidado mesmo, o cuidado que nós temos com outro, o cuidado que a gente tem com a natureza e o cuidado que temos ao pensar o amanhã, no que queremos para futuro mesmo [...].

Nota-se que a apropriação conceitual da agroecologia é bastante sólida entre nossos entrevistados. Em um primeiro momento, via campanha “Extremo Sul pela vida, agrotóxico zero”, o ponto de partida da inserção da agroecologia no assentamento e na escola se deu pelo questionamento do uso de venenos na produção e de seus malefícios para a saúde. Mas, em seguida, com o papel significativo das práticas desenvolvidas no âmbito da EMPF em conjunto com o movimento social, a agroecologia ganhou a compreensão de um arcabouço teórico e prático de convivência com a natureza (de uso e de conservação), de modo sustentável e como um projeto de um outro viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agroecologia na educação é um projeto novo, nesse sentido quando refletimos sobre a contribuição da Agroecologia Escolar na vida de uma comunidade é uma questão complexa, pois estamos nos referindo a todas as dinâmicas que ocorrem na vida dos assentados através desta prática, em como a agroecologia tem contribuído para mudar como se relacionar com a natureza e com o outro. Assim, a agroecologia está posta para além dos processos de



produção de culturas (feijão, milho, mandioca etc.), é idealizada como parte de um outro modelo de sociedade.

Ao realizar este trabalho, percebe-se a contribuição significativa da Escola Municipal Paulo Freire ao inserir a agroecologia em práticas escolares, pois apesar dos ex-estudantes da escola não aplicarem todo conhecimento adquirido no seu lote, eles carregam a importância da agroecologia nos seus discursos e em suas vidas.

Como já destacado, a inserção da agroecologia no contexto do assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo com o apoio e as contribuições da escola, é um processo (transição) que implica desconstruir comportamentos induzidos pela modernidade e o agronegócio, bem como apontar novas direções para um outro modo possível de plantar e colher no campo.

Acredita-se que para a agroecologia ser efetivada no assentamento é preciso que a comunidade seja assistida por técnicos em agroecologia, e que os processos formativos oferecidos pelo movimento social/escola sejam contínuos. Sabemos também que apenas os processos formativos ofertados pela escola/movimento social não são suficientes para mudar a realidade de uma comunidade inteira que, infelizmente, são induzidas pelo agronegócio a produzir de maneira convencional, com uso de agrotóxicos e demais insumos artificiais que agredem a natureza. Assim, é importante o entrelaçamento da escola/movimento social e a comunidade seja cada vez mais eficaz de modo a superar todas as dificuldades para consolidar a agroecologia na vida cotidiana de todos os assentados.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Mais Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Educação%2C%20criado,jornada%20escolar%20nas%20escolas%20públicas%2C>. Acesso em 27/02/2023.





CRESWELL, J. W. O projeto de um estudo qualitativo. In: CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.

CALDART, R. S. **Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida!** Apontamentos construídos a partir da análise feita no texto “Sobre a especificidade da Educação do Campo e os desafios do momento atual”, de julho 2015. Veranópolis/RS, 2016.

EMPF (ESCOLA MUNICIPAL PAULO FREIRE). **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Paulo Freire**. Santa Cruz Cabralia (BA): Mimeo, 2013.

FELBERG, A.; SILVA, G. J. Educação do Campo e Autonomia: desenvolvimento comunitário e pedagogia de participação no Assentamento do Movimento Sem Terra [MST], Luiz Inácio Lula da Silva (LULÃO). **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantins, v.3 n. 2, mai-ago, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/3902/13206>, acesso em 10/08/2023.

GAIA, M. C. M. Agroecologia e Ensino de Ciências: desafios e tensões na Educação do Campo. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação Científica, 2017, UFSC. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2017. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enpec/2021/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV\\_155\\_MD1\\_SA105\\_ID1215\\_24062021105107.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enpec/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV_155_MD1_SA105_ID1215_24062021105107.pdf). Acesso em 10/08/2023.

GARCIA, D. **Possibilidades de inserção da Agroecologia no Ensino de Ciências no contexto da Educação Básica encontradas em trabalhos publicados em revistas e eventos** (Monografia). Licenciatura em Educação do Campo, Uberaba. 2019.

GUBUR, D.M.P; TONÁ, N. Agroecologia. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MANTELLI, J. Educação pela Agroecologia: horta escolar. **Revista de Geografia Agrária**, Rio Grande do Sul, v. 9, n.05, p. 1-7, abr., 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/22737>. Acesso em 10/08/2023.

MOREIRA, F. **Educação do Campo: Desafios e avanços da inserção da Agroecologia na Escola Municipal Paulo Freire, no Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva- BA** (monografia). Licenciatura em Educação do Campo, Uberaba. 2018.





NUNES, L. R.; ROTATORI, C.; COSENZA, A. A horta escolar como caminho para a agroecologia escolar. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 7, n. 1, p. 1 - 21, 11 jun. 2020. Disponível: <https://periodicos.ufs.br/revisea/article/view/13373>. Acesso em 10/08/2023.

PIRAUX, M.; SILVEIRA, L.; DINIZ, P.; DUQUE, G. Transição agroecológica e inovação socioterritorial. **Estudos: Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro**, vol. 20, n. 1, 2012: 5-29. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/347/343>. Acesso em 24.07.2023.

PMSCC (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ CABRÁLIA). **Lei Municipal N° 549 de 23 de junho de 2015** - Aprova o Plano Municipal de Educação - PME do Município de Santa Cruz Cabralia. Santa Cruz de Cabralia: DOM, 2015. Disponível em: [https://www.cabralia.ba.gov.br/abrir\\_arquivo.aspx/PME- PLANO MUNICIPAL DE EDUCACAO?cdLocal=2&arquivo=%7BDECAAABA-BBBC-66A6-AC01-AE84ED261640%7D.pdf](https://www.cabralia.ba.gov.br/abrir_arquivo.aspx/PME- PLANO MUNICIPAL DE EDUCACAO?cdLocal=2&arquivo=%7BDECAAABA-BBBC-66A6-AC01-AE84ED261640%7D.pdf). Acesso em 23.10.2022.

RIBEIRO, D. S.; SILVA, N. R.; TEOPOLLO, E. V.; VARGAS, M. C. **Agroecologia na Educação Básica**: questões propositivas de conteúdos e metodologia. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SILVA, Lourdes Helena; MIRANDA, Élide Lopes. Educação do Campo e Agroecologia: diálogos em construção. 37ª Reunião da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd), 2015, UFSC. **Anais...** Florianópolis: ANPEd, 2015. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/educacao-do-campo-e-agroecologia-dialogos-em-construcao>. Acesso em 10/08/2023.

#### SOBRE A AUTORIA:

[\*] Graduada em Educação do Campo – Escola Municipal Paulo Freire, Santa Cruz de Cabralia (BA) – ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0722-6964> – E-mail: [jilsileneolive@gmail.com](mailto:jilsileneolive@gmail.com)

[\*\*] Doutor em Educação – Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7025-7010> – E-mail: [rodrigo.crepalde@uftm.edu.br](mailto:rodrigo.crepalde@uftm.edu.br)

---

Submetido em: 10 de agosto de 2023.

Aprovado em: Fevereiro de 2024.

Publicado em: Maio de 2024.

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-21, e-rte331202448, 2024.**